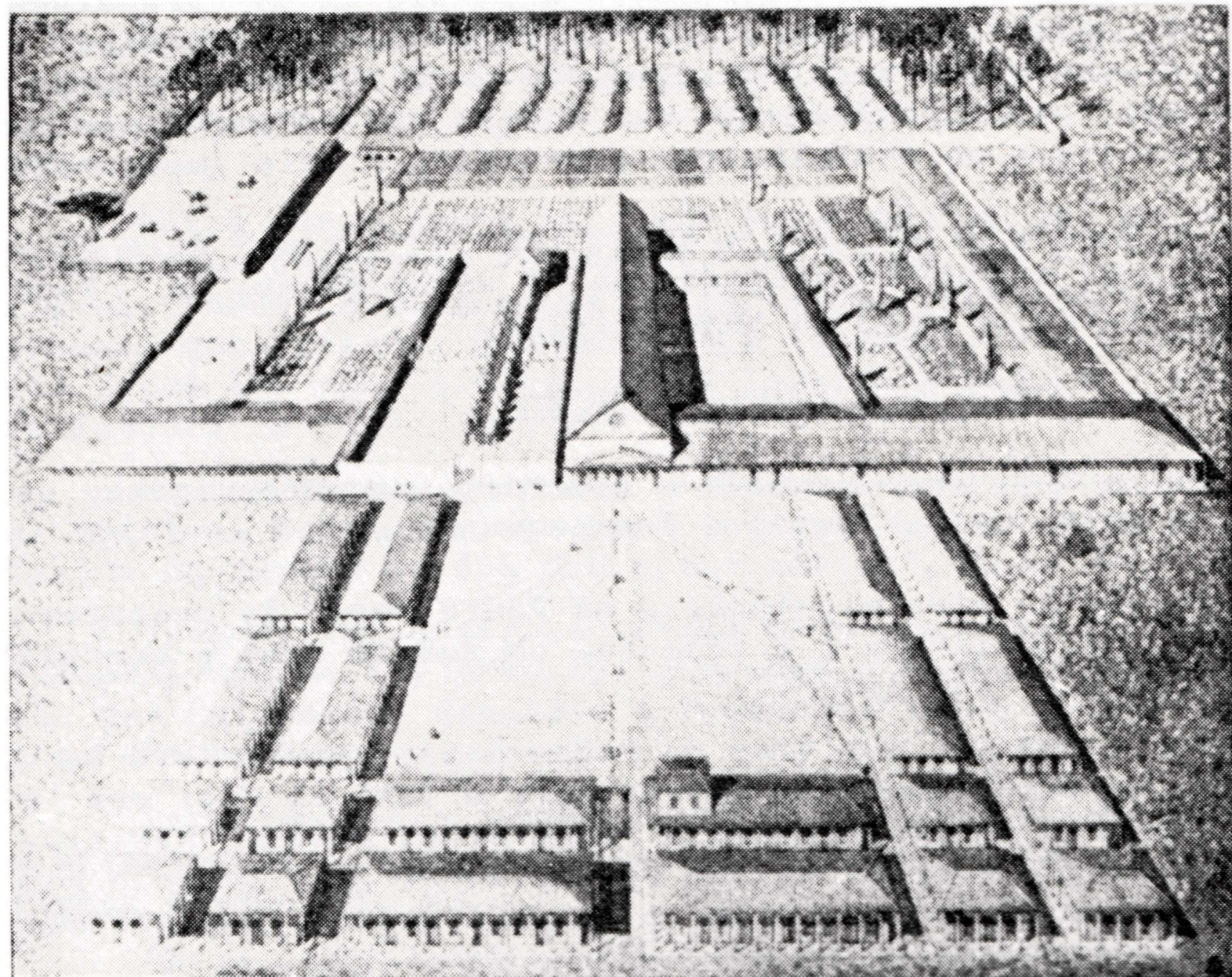




*Vista aérea
de la
Reducción
Guaranítica
de San Juan
Bautista*

Lámina misionera de mediados del siglo XVIII, según copia moderna del Arg. Estanislao Adyniec.

ALGUMAS INSTRUÇÕES

relativas ao governo temporal das reduções em suas
fábricas, sementeiras, estâncias e outras fainas

Nota introdutória: O texto que em seguida se lê em tradução vernácula, tem o seu original espanhol manuscrito pelo próprio punho do Padre Antônio Sepp. Tendo pertencido por muito tempo, ao historiador Dr. Alberto Lamego, o documento foi adquirido pelo Governo Paulista. Cópia fotostática do mesmo conseguiu, para as letras históricas, o nosso saudoso Mansueto Bernardi, no decênio de cinquenta deste século, através de Miguel Reale, então magnífico Reitor da Universidade de São Paulo. Sob o título "O governo temporal das Missões e o Padre Antônio Sepp - Algunas Advertencias tocantes al Gobierno Temporal de los Pueblos, (com tradução portuguesa)", Mansueto Bernardi publicou, em 1958, esse texto em seu original espanhol com a ajuda do P. Pedro Ignacio Schmitz, S.J. na revista "Pesquisas", do Instituto Anchietano de Pesquisas, então com sede em Porto Alegre (Vide nº 2, p. 21-53). É deste órgão de divulgação científica que extraímos sem mais o presente texto vernáculo, que está nas pgs. 47-53 da edição em foco.

"São", como diz Mansueto Bernardi, "22 páginas de texto, escritas do próprio punho do Padre Sepp, na Redução de São José, no dia de Santo Antônio de Pádua, aos 13 dias do mês de junho de 1732. Seu formato é de 13 x 11 e contém Instruções ministradas pelo benemérito missionário a jesuítas recém-chegados às Reduções, orientando-os acerca dos trabalhos temporais que deviam executar e mandar executar, a fim de que resultassem profícuos" (Op. cit. p. 31).

Da importância desse documento hoje ninguém mais duvida, pois nos capacita a reconstituir, melhor que a partir de outras fontes, a vida econômica das Reduções dos Jesuítas, em sua fase áurea. Por outra, faz-nos conhecer os seus métodos de trabalho, descobrir, por assim dizer, os segredos de sua eficiência e, não em último lugar, completar em nós a figura ímpar de missionário do P. Sepp, diminuída quicá pelas leituras de outros escritos seus.

Não é, de certo, um mero acaso, o fato de um historiador de gabarito internacional, qual o foi Guillermo Furlong, S.J., ter escrito, visivelmente estimulado pela acima citada publicação de "Pesquisas", seu belo volume monográfico "Antonio Sepp, S.J. y su GOBIERNO TEMPORAL", em 1962 (Ediciones THEORIA, Buenos Aires, 130 pgs. 14 x 20), colocando-o na coleção "Escritores Coloniales Rioplatenses".

Baste-nos isso como nota introdutória! Quanto ao resto, máxime no concernente à bela introdução analítica deste texto, remetemos o leitor para as páginas 31-32 do citado número de "Pesquisas".

CONSTRUÇÕES

As madeiras que se usam para as soleiras chamadas sararás (vigas) e que se devem cortar sempre nos minguentes do inverno, são as seguintes:



Apiterebi. Aiuí. Anguaí. Juquipitanguí. Querandi e madeira amarela. Isan guí também amarela. Para as cumieiras das Igrejas ou casa do Padre, o taxifo. Mas para as cumieiras das casas dos índios também serve Juquipitanguí. Para os postes, o Urundai, chamado quebra-machado, ou o taxifo.

As madeiras que se usam para os sararás também se usam para os texapiristas (traves que sustentam as telhas). Os cedros se usam em todas as coisas que devem conter ouro ou prata, e para todo gênero de tábuas e canoas. O timboi para tábuas e canoas é madeira muito grossa.

TELHAS

Para que o barro seja bem amassado como o pão, devem entrar no barral, pelo menos durante três dias seguidos, pela manhã e à tarde, as vacas ou touros do incapi ou seja os bois mansos.

Com isto as telhas resultam mais fortes, sem quebrar-se no forno. As telhas, que nos lados ou na porta do forno algumas vezes, conforme o vento, costumam não queimar bem, colocam-se depois na fornalha no centro do forno.

TELHADO

A fim de colocar bem as telhas contra os ventarrões dividem-se em três partes: duas partes em cima e uma parte fora.

As telhas sobre as cumieiras devem ser maiores e mais largas que as dos canais, a fim de cobrir e abraçar todo o cablete ou seja o ogapirita.

As telhas do cabrante devem ter canal duplo, isto é, duas telhas grandes, porque aí se juntam as águas.

CHACARAS E SEMENTEIRAS ALGODOAIS

No minguante de agosto devem-se cortar os algodoads, e depois de cortados, se aram e, arados, os rapazes ou raparigas lhes arrancam as malezas que se criam no meio das plantas e que o arado não pode arrancar nem limpar.

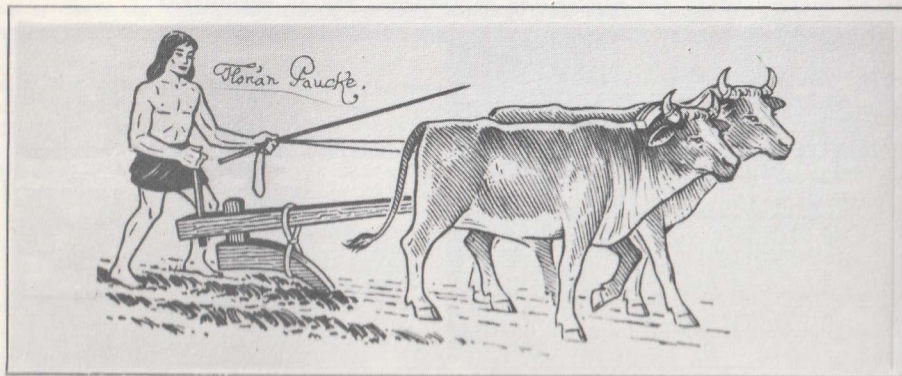
Três vezes pelo menos devem-se arar, depois das plantas terem crescido um pouco até que floresçam, e sempre se lhes há de arrimar terra em redor das plantas como que alporcando-as, devido às chuvas que soem subtrair-lhes a terra, deixando nuas as raízes, motivo por que envelhecem logo e não dão fruto.

Nos algodoads novos, devem-se ressemeiar as falhas que não vingaram.

SEMENTEIRAS

Para quaisquer sementeiras, a terra deve ser arada pelo menos cinco vezes, dizendo-se aos índios que para isto Deus deu cinco dedos, para que arem cinco vezes, pois seus arados são pobres e em lugar de revolver bem a terra, não fazem mais do que arranhá-la.

Os trigais, se são em terra de pampa e terra virgem, ou nova, devem-se arar dez vezes, a fim de revolver bem a terra.



Procede-se da mesma forma se os algodoads se plantam no pampa, e este sempre há de ser terra virgem, porque se é terra embora descansada durante muitos anos e não usada, o algodão não se cria no pampa.

Isto não se entende com as costas e coivaras dos montes; embora velhas, a terra aí é gorda e boa para semear algodão, que se deve pôr em fileiras, uma vara e meia pelo menos afastadas em cruz, para que, depois de crescidas as plantas se possam arar e cruzar.

O MILHO

O milho do Padre ou Tupambaé também deve ser arado cinco vezes, e fazer depois os sulcos em cruz. Deve ser carpido, e revolvida a terra muitas vezes, mesmo depois que as hastes estejam em flor.

A maleza, onde não chega o arado, deve ser arrancada com a mão, ou com paletas de vacas, que o Soórerequara (açougueiro ou pastor) e os que partem carne hão de recolher para os rapazes e as meninas.

ERVAIS

As plantas que devem ser transplantadas, um ano antes de alporcar e cobrir com terra, se torcem, oipoca, assim como os sarmentos da uva, do contrário não deitam raízes. Dois meses antes de transplantá-las, cortam-se da madre ou tronco da árvore e se cobrem outra vez com terra, depois de uma chuva. Sempre se transplantam depois de haver chovido, em junho, julho, agosto.

As plantas uma da outra hão de ter quatro varas de largura em quadro. Os buracos devem ter uma vara de profundidade e outra vara de largura em quadro.

Faz-se a erva em dezembro, quando os rebentos estão já maduros e sazoados. Quando se transplantam, depois de cortadas, tira-se cada planta com a mesma terra que se gruda às raízes e isto com muito cuidado, e se põem numa bolsa de couro para levá-la ao lugar do plantio.

Quando se põem nas covas, deve-se pisar bem com os pés em redor. Os buracos não se devem encher totalmente, deixando ao menos o espaço de um pé vazio para recolher as águas, e conserve-se a planta na sombra em tempo de calor.

ESTÂNCIAS

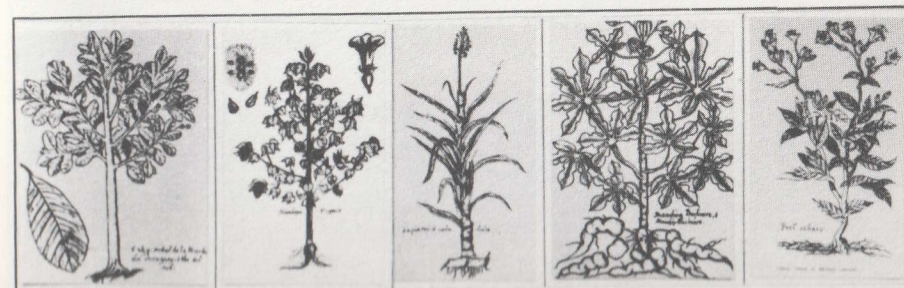
Para multiplicar todo gênero de ani-mais, deve-se fazer duas coisas:

A primeira. Todos os dias, ao meio-dia, devem-se pôr as éguas no curral grande com os seus baguais. As burras com os seus burros. As mulas com os seus maridos. Porque algumas éguas, burras e mulas cachorras não se deixam subir no pampa, mas no curral sim.

A segunda coisa. As crias nascidas devem ser postas num curral pequeno à parte, para tirar das crias os bichos que causam moscas em tempo de calor, pousando-lhes no umbigo e no purape. O qual (este), como costuma ser úmido e sujo, as moscas afluem aí, fazendo os bichos, que depois matam as crias.

O remédio para que não se criem (os) ditos bichos, é pôr-lhes uma erva amarga, mas limpa, no umbigo; não havendo tal erva, se lhes põe esterco de vaca, ou o esterco da própria mãe, ou cria, dando-se-lhes um pichí com o esterco, o qual, como fermenta e é amargo, as moscas não pousam aí.

Enfim, a todas essas crias de animais cuidando de tirar-lhes os vermes, é o único meio de multiplicá-las.



OVELHAS

Às ovelhas, se são mil, se lhes soltam 300 carneiros duas semanas e outras duas semanas outros 300. A 15 de maio, dia de Santo Isidoro. Assim nascem depois do cordão de São Francisco, que é a 4 de outubro.

Depois, quando os cordeirinhos têm corninhos semelhantes às ovelhas, devem se apartar das mães, porque as soem subir, e nascem fora do tempo.

Quando houver muitas ovelhas, ao tempo em que nascem as crias, aos ovelheiros devem se dar 4 meninos, para que no campo cuidem dos corvos, que lhes comem os olhos, estando os cordeirinhos deitados em terra.

Enquanto houver orvalho no campo, não se devem apascentar até que o sol desfaça o orvalho, porque aquelas teiazinhas de aranha, que sói haver no orvalho, prejudicam muito as ovelhas.

Em tempo de frio, devem ter um galpão comprido com o teto coberto de palha, e contra o vento sul o galpão deve estar tapado com palha também.

TOSQUIA

Tosquiavam-se em novembro, primeiro os carneiros, depois as ovelhas. As de um ano não se tosquiavam.

Para recolher aqueles pedaços de lã ou cure, que soem cair e não unir-se com o velo, enviam-se 4 rapazes com os tosquiadores, para que os recolham, pondo o cure numa bolsa ou saco grande à parte dos velos. Pois a experiência me ensinou que de 13 sacos de velos sempre se tira um saco e, às vezes, mais de um, de cure; especialmente das ovelhas e carneiros velhos não se tira um velo, tudo é cure, e se os rapazes não o apanham, tudo isso se perde à toa, e os tosquiadores, como são relaxados, não o recolhem, antes o pisam com os pés isto sim.

Aqueles 4 rapazes pequenos que em tempo de parição se põem a cuidar em cada curral dos cordeirinhos, devem ser encarregados de ir sempre com as ovelhas para apascentá-las, e porque soem nascer no meio dos macegais e de noite se perdem, devem trazê-los para fora, onde não haja maleza.

Também as que nasceram hoje, amanhã não as devem mesclar ou juntar com aquelas que ainda não pariram, para evitar a confusão. Em consequência, as que não pariram se devem apascentar para o Oriente, as que pariram para o Ocidente: e por isso de noite precisam dormir à parte com as mães as crias recém-nascidas.

Dois índios de confiança devem ir com os tosquiadores. Um, o maiordomo, enquanto dura a tosquia, deve permanecer com os tosquiadores, contando e apontando os velos postos em cada saco. O outro índio, escrivão, deve ir com as carretas, que trazem a lã à casa do Padre, trazendo juntamente o papel ou nota dos velos, para que o Padre o veja, e o outro maiordomo, que está em casa, deve tirar dos sacos cada velo, contando-o e apontando também, para que o Padre veja se o recibo da tosquia confere com a entrega ao Padre em casa: e isto se pesa depois, e se apontam as arrobas que cada saco contém de lã, e com isto também se evitam os furtos.

REPARTIÇÃO DOS NOVILHOS E TOUROS A GENTE

Em tempo de chácaras, devem-se dar os bois ou touros aos próprios caciques, e não a cada índio. O cacique os deve pôr no seu curral, que deve fazer em

P. Cristóvão Mendoza S.J., herói e martir, 19 vaqueiro do R.Gr.Sul, recomendava: "Cuidai das minhas vaquinhas como das meninas de vossos olhos, pois índio sem carne volta para o mato"

sua terra ou junto à sua chácara, e todas as tardes cada vassallo deve trazer os seus ao dito curral, e o cacique deve cuidar à noite dos mesmos, e cada ma nhã deve restituir a cada vassallo os seus.

Todos os domingos os devem trazer à Redução, ao curral grande dos novilhos, e o Corregedor com o tenente e os secretários e procuradores os devem contar, apontando os índios, que não trazem os seus de cada cacique. E se o Padre Cura, ou seu companheiro, puder estar à tarde presente, seria melhor.

COMO SE DEVEM DISTRIBUIR OS ÍNDIOS EM TODAS AS SUAS FAINAS

Para governar os índios no temporal e a experiência de tantos anos e Reduções me ensinou que o único meio e modo é dividi-los em turmas.

Em cada turma não devem pôr mais, antes menos, que dez, conforme os serviços, dando a cada turma um vigilante ou secretário, que traga os seus nomes num Vacapi, escritos com o fio de cada um, conforme os Músicos fazem aos domingos para saber os que faltam à Missa.

À tarde, depois do rosário, pedir-lhes conta a cada grupo de 10 do que fizeram, e os que faltaram ao trabalho do dia.

Para esse fim se dá aos secretários um papel em branco contendo os dias de cada semana, conforme segue:

TELHAS

Segunda-feira	100	Quinta-feira.....
Terça-feira		Sexta-feira
Quarta-feira		Sábado

Fizeram 100 telhas, arrancaram 50 pedras, trouxeram 90 pedras, assentaram tantas pedras, trouxeram tantos sararás, etc.

ADOBES

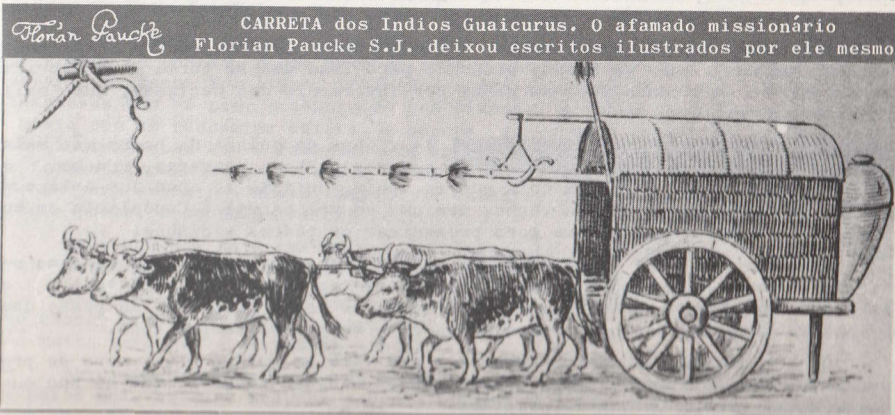
Para fazer muitos adobes, rapidamente, devem lhes fazer os carpinteiros de qualquer madeira os haangabas ou caramengúas conforme a grossura dos mesmos adobes. A cada cacique um haangaba para os índios seus vasallos, e em cada aponta menta da Redução se fazem estes adobes para a fábrica da casa e pátio grande da Aldeia ou Igreja acima das paredes de pedra. Ou para as casas dos índios em lugar da taipa francesa. Advirto que estes adobes não devem ser feitos nos galpões das telhas, a fim de não impedir o fabrico destas, que são tão necessárias em todas as Reduções.

Para esta faina é necessário um secretário, que unicamente cuide de fazer contar cada dia as telhas; outro secretário que cuide de tirar o barro e trazê-lo ao barral.

Os moços recém-casados, não índios, devem trazer preliminarmente os touros, bois ou vacas yucapís para pisar o barro, durante três dias a fio, como já se disse.

CARRETAS

Sem carretas não se faz nada nas Reduções. Para essas carretas não é neces



sário que as rodas sejam altas e grandes, mas grossas, para que durem. Fazem-se de qualquer madeiras, que ainda se encontra nas orlas dos matos e nas margens do Uruguai. São lenhos grossos que não serviram nem podem servir para construções. Só prestam para fabricar carretas, e, embora sejam mui tortos, sem pre contém quanto basta para fazer um par de rodas.

No mato se cortam e meio acabados os devem trazer à casa do padre, para que os veja, e no segundo pátio os perfuram com as suas cunhas, em lugar de trados ou verrumas.

CONDUZIR TORADAS PARA AS REDUÇÕES

Para conduzir qualquer toro que seja, dos matos, previamente no mesmo lugar em que os cortam os devem falquejar, tirando-lhes os lados, que não servem, com a casca; com isto não cansarão os touros ou bois para trazê-los à Redução, pois quando inteiros são muito pesados.

Depois de falquejadós no mato, os devem trazer do mato para o campo, arrastando-os ou, ajudando-se, carregando-os nos ombros, porque para tirá-los fora com touros ou bois é mister abrir largos caminhos, derrubando tantas árvores ramalhudas, malezas e troncos que, para abrir tais caminhos, se perde muito tempo. Entretanto, se forem canoas ou pilares grandes, é outra coisa.

Adverte-se que todos os troncos que trouxeram à Redução, não se lhes há de permitir que os tragam arrastando-os, mas pondo-os sobre um eixo forte com duas rodas. Porque desta sorte não pesam tanto, e se economizam touros ou bois, e, em lugar de 4 juntas, bastam 2, ou em lugar de 8 juntas, bastam 4.

Em todas as Reduções, quando incumbido de cuidar delas, encontrei este péssimo costume: soíam trazer todas as toradas arrastando-as no chão com muitas juntas de novilhos ou touros, cansando-os debalde, quando, pondo-as sobre um eixo com duas rodas, por pesarem menos, se economizam os novilhos, touros ou bois.

Amansam-se mais depressa os touros que os novilhos capados; em consequência, devem-se capar estando já bem domados: cortam-se-lhes as pontas dos cornos, e os próprios índios os sabem capar, e não morrem.

QUEIMAR TELHAS

Para queimar as telhas, antes de carregar os fornos, estes devem estar bem secos: três dias e três noites se hão de fumar e motimbo (esta palavra tem o mesmo sentido que a anterior), pondo-lhes antes um fogo lento, depois com a cendalha se lhes põe fogo e por último com lenha se acabam de queimar.

Para trazer acendalha se destaca um magote de rapazes recém-casados, dá-se-lhes um par de touros, os quais, arrastando os ramos, os põem em pilhas levantadas junto dos fornos.

Para não ocupar os fabricantes de telhas, ou outros índios para carregarem ou descarregar os fornos, depois de queimadas as telhas, servem os rapazes, ou também, se os rapazes estiverem ocupados em outras fainas, servem as raparigas para levar as telhas do toldo aos fornos. O mesmo se faz com as telhas já queimadas, tirando-as do forno para levá-las à Redução, quando se constroem as casas, ou para outro lugar perto dos fornos.

Antes de fabricar casas novas, havendo muitas telhas, convém retelhar-se as casas velhas e suas goteiras, dispondo para isso uma só turma de 6 fabricantes de telhas, indicando-lhes as casas por intermédio dos Caciques, que mais necessitem compô-las.

VINHA

As vinhas na quinta do padre são mais seguras; embora pequenas, rendem o que basta para o que precisam dois padres, pois, durante 14 anos que estive na Redução da Cruz, nunca faltou vinho, nem uma só vez mandei à Candelária em busca de vinho, antes me sobrava para presentear os padres vizinhos.

A melhor uva para fazer vinho é aquela branca de bagos grandes como uma bala de escopeta; também a molar é boa, mas tem muito humor líquido, e o vinho dela não sói durar muito, especialmente em tempo de calor. Ao passo que o vinho da dita uva branca me durava quatro e mais anos sempre doce.

Os buracos dos sarmentos devem ter uma vara em quadro e uma vara de profundidade. Quanto aos sarmentos, devem ser escolhidos aqueles, que no ano anterior deram uvas, e sejam mais fortes.

Os sarmentos, colocados nas covas, devem ser torcidos, pocapire (o mesmo que torcido!), e o torcido se deve pôr deitado e não levantado. Um palmo, não mais, com três gemas fora, para cima.

Os buracos não se devem encher de terra totalmente, a fim de que a própria planta vá crescendo e buscando o sol.

Estando os sarmentos, depois de um ano, algo crescidos, põe-se-lhes uma estaca tutora, a fim de que os troncos cresçam direitos e não tortos.

PODÁ-LOS

Podam-se no minguante de agosto. Três rebentos ou vergôntes se lhes deixam às cepas e não mais; e a cada vergôntea três olhos ou gemas, não mais, todas as demais ramas pequenas se cortam fora, permanecendo os ramos mais grossos somente três.

VINDIMA

As uvas devem se deixar amadurecer bem, não se devem colher todas ou muitas de uma só vez; as mais maduras se devem escolher. Cada lata delas cortar e pôr à parte, sem mesclar a branca com a molar.

Depois de colhidas se põem sobre as mesas tiradas do refeitório, ou outras tábuas um dia ao sol, e de noite se põem nos aposentos dos padres, para que o sol e o calor lhes tirem aquele humor líquido, tornando as uvas como passas. No dia seguinte se põem outra vez ao sol, e das tábuas se transportam ao corredor, desgranando-as, num tacho, e estando o tacho cheio de grãos, com as mãos se espremam ou machucam.

Adverte-se que aqueles grãos que ainda estão verdes, não se põem com os maduros, nem os apodrecidos.

COZIMENTO

Esmagados os grãos com um pano de duas varas de comprimento, se espremam no tacho até os dois pregas das asas, pondo-se depois ao fogo, e estando fervendo, se lhe tira com uma concha a espuma, que serve depois para fazer aguardente; depois se lhe dá o ponto, deixando baixar o sumo um dedo ou dois, com o que se obtém o vinho comum, porém se se quiser obter vinho doce ou de duração, deixa-se baixar até que o sumo no tacho fique algo vermelho ou pintado.

Acabado desta sorte o mosto ou sumo, estando já frio, põe-se na garrafa, sem enchê-la para que possa fermentar, o que durará 8 dias, e depois se fecha a garrafa com um pedaço de telha, e gesso e um couro fresco bem atado.

TRASFEGA DO VINHO

Em fins de abril se trasfega, colocando-o noutra garrafa, a qual se deve limpar bem com água fervendo e pondo-se dentro da mesma funcho verde e folhas de laranja. Em 24 de junho, dia de S. João Batista, se abrem as garrafas e se gasta, etc.

No ano de 1729 eu fiz na Redução da Cruz, da vinha que ali havia, embora tão pequena, 26 garrafas, sendo 8 de vinho muito doce, e as mais de vinho comum. A cada garrafa se põe o nome de um Santo, como S. Inácio, S. Xavier, S. Isidro. Os Doze Apóstolos, com o dia do mês em que cada garrafa se encheu.

O que disse, que se devia desgranar com as mãos as uvas, deve-se entender quando há poucas, porém havendo muitas não se desgranam. Mas inteiras se deitam numa canoa bem limpa, trazendo-as das mesas depois de um dia de bom sol, pisando-as com os pés, e depois de bem pisadas, se põem fora os bagaços, e só o mosto com as cascas se retira, e se coa com o pano sobredito espremendo-o dois índios muito bem e remanesendo as cascas com os grãosinhos dentro do pano totalmente sem sumo. Da mesma forma se procederá onde houver um lagar ou prensa para extrair o mosto, depois de extraído põe-se nos tachos, dando-se-lhe o ponto, como acima se explicou.

Para que não haja tantas vespas, antes que o sol esquente, cumpre destruí-lhes os cortiços ou casas com suas crias e ovos.

As formigas devem ser combatidas com água fervendo, revolvendo-as como vão quando brotam as parras; depois de haver chovido, especialmente de noite, são muito vorazes, e surgem em tropel.

Se saem nos corredores, ou aposentos, de onde não se pode arrancá-las, um único meio existe: colocar sobre o buraco de saída argila, ou areia seca, para entretê-las pela manhã.

caindo, e tapando-lhes o caminho, não podem fazer aquelas bolinhas de terra que costumam.

Enfim, o mestre Uso vos ensinará o resto.

CONSERVAR MELANCIAS E TUNAS DE UM ANO A OUTRO

ve ser o pampa virgem, e não usado jamais. Isto não se entende das coivaras dos montes.

O pampa deve ser aberto, ou arado, dez vezes pelo menos. Três varas em quadro devem ter as fileiras. Oito sementes se põem. Com esta diligência os caules se desenvolvem muito sem tocar uns nos outros, e as melancias resultam muito grandes. Os índios não fazem assim, por isto suas melancias são pequenas e, quando ainda meio crescidas, já as devoram.

Os melões se plantam uma vara e meia de distância um do outro. As melancias se colhem sempre de tarde, e as colhidas em tempo de seca, antes de chover, costumam durar um ano; as pequenas dependuradas duram mais que as grandes e as muito grandes ainda menos. Assim as tinha eu sempre de um ano a outro.

As sementeiras em fins de setembro são as que duram, mas as sementeiras em outubro ou fevereiro, porque sobrevivem as águas, não duram muito; por esse motivo, cumpre semeá-las duas vezes, fazendo dois melanciais, pelo menos para o padre.

Os padres costumam ter os seus chacareiros. A estes se entregam também em setembro e fins de outubro sementes de melancias e melões, para que cada um faça um Tupambá (campo de Deus) para o padre.

Tem-se com isto o bastante para dar a todos: aos rapazes, índios, órfãos e enfermos.

As tunas devem ser cortadas não totalmente maduras em tempo de seca; o mesmo se deve fazer com as primeiras melancias, que hão de durar, não colhendo-as totalmente maduras.

As tunas com suas pencas se cortam e se devem dependurar no corredor ao sul; se fossem dependuradas num aposento ao sul com a janela sempre aberta, seria melhor, porque expostas no corredor, se não se cuidam bem, os rapazes de casa e os hortelãezinhos as soem furtar e comer.

MODO DE SEMEAR MILHO PARA QUE TENHAM MILHO VERDE

ATÉ MAIO PARA COMER

colher e desgranar algumas espigas que semearam em julho, pois aquele milho já está duro e já em dezembro, alguns mesmo em novembro, costumam ter milho bem maduro, e o comerão.

Para isto se lhes deve dar ao menos três dias na semana. A última sementeira é em princípios de janeiro ou fevereiro, porque neste mês e nos seguintes ao milho não hão de faltar águas, das quais ele unicamente necessita, e em maio dará espigas, e logo terão assim grão novo sem gorgulho para semear no mês de julho, que se aproxima.

Não havendo bastantes roças ou já muito estéreis para semear milho nelas, cumpre utilizar os pampas ou campos, e as ladeiras junto às orlas dos matos, ou capões, arando-se bem 6 ou mais vezes e capinando-as depois, como se disse acima; assim dará muito bem o milho e mais ainda os Cumanda Chains (um tipo de fava ou feijão), que são o grande sustento na Quaresma.

CHAINS

Semeiam-se uma vara e meia de largura em quadro para poder ará-los depois e para os rapazes que os colhem não pisarem com os pés as vergõteas, pois que, pisadas, secam e não dão fruto.

Estes chains costumam florescer depois de cada chuva, e deitam pimpo - lhos até que o frio e as demasiadas chuvas os acabam.

TABACO

O tabaco se semeia não com as mãos, mas colocando as ramas que têm sementes sobre uns espetos, para que o vento espalhe a semente aí pelo mês de setembro. Transplantam-se em roças novas, estando as mudas do tamanho de um palmo, sempre depois de uma chuva.

Colhidas depois as primeiras folhas grandes, cortam-se-lhes as pontas, e com isto darão muito mais folhas grandes até que o frio as sazone.

QUANDO SE DEVEM ATAR OS BOIS PARA O TRABALHO

Como as Vacarias do Mar já se acaba - ram, cumpre cuidar bem dos bois, novinhos e touros, para que os poucos que existem nas Reduções bastem ao menos para fazer as chácaras dos Tupambá e dos pobres índios.

É necessário que os padres curas antes da Missa de forma alguma deixem que os atem ou trabalhem com eles. Em consequência, os novinhos e touros, que de vem dormir em cada esquina do curral grande, os quais são quatro índios, para que de noite os ladrões não furtem ou matem alguns, logo ao alvorecer antes da Missa os devem pastorear uma hora pelo menos.

A razão é clara: pois se os moços antes da Missa os atam, deixam de comer todo o dia; sendo que todos os animais antes da aurora, devido ao orvalho que tombou, costumam comer e ao mesmo tempo o orvalho lhes serve de bebida, mas se os atam antes da Missa, nem por isso vão logo para o trabalho, trazendo-os para as suas casas na Redução, atam-nos os índios, pelo que se enfraquecem muito e trabalharão pouco aquele dia; convém, pois, que, pelo menos durante uma ou duas horas, comam bem pela manhã, antes ou depois da Missa.

É certo que nenhum índio trabalha todo o dia em qualquer faina que seja; logo é melhor deixar pelo menos comer os seus mimbás (animais domésticos).

Com isto entrarão também na igreja para ouvir Missa, e não terão desculpa dizendo que o corregedor ou o padre os mandou trabalhar antes da Missa.

Antes do rosário os devem entregar aos 4 novinhos e touros, para que os apascentem antes de encerrá-los no curral; e para que isto se faça, o padre cura deve mandar fazer em cada esquina e na porta do curral um rancho de palha, para poder cada índio dormir com sua família; não havendo estes ranchos, será um desastre: não dormirão ali, mas na Redução, e os novinhos ficarão expostos a que os desviem, furtem, matem, e comam os ladrões.

FIAR

Este é um trabalho impertinente, mas necessário. Às índias se dará uma libra de algodão, ou lá partida em duas meias libras, e as fiadeiras devem devolver dois novelos partidos, não um.

Desse jeito fiam melhor e o pano sai mediano, igual e lhes dura mais do que se fosse grosso, mal fiado e mal tecido.

Mas para o pano leve, que deve ir às oficinas, se lhes darão somente 4 onças para cada novelo, o que corresponde a meia libra de algodão.

TECER

Do pano mediano costumam fazer 15 varas por dia, e do algodão 8 varas, ou sete; melhor é pouco e bom, do que muito e mal tecido.

Três arrobas de fio para urdir heterã, uma arroba para a trama e algumas vezes se ajuntam algumas libras mais para a trama.

Com estas 4 arrobas de fio saem 200 varas e algumas vezes mais de pano comum.

PARA FAZER BOM PAO MESMO EM TEMPO DE FRIO

Em tempo de frio ordinariamente se escusam de fazer bom pão. Para fazê-lo, pois, na mesma cozinha, que está sempre quente, cumpre fazer o lèveo e pô-lo dentro daquele forinho, que sói haver nas cozinhas para fazer pastéis, tortas, ou biscoitos, e a farinha já amassada deve também ser posta dentro, para que se levante, cortando depois os pães bem cobertos com bichará para levá-los sobre uma tábua ao forno dos padeiros; o qual forno precisa ser previamente aquecido, e a cinza varrida.

O lèveo deve ser sempre novo, portanto cada dois dias deve ser renovado. De um almude de farinha saem 6 ou 8 pães, conforme os padres os queiram grandes ou pequenos.

- Estas são as Instruções que, a pedido de alguns padres novos, me obrigaram a escrever para lhes servirem.

O que fiz com muito gosto, para que me recomendem a Deus, que há-de ser o único fim de nossos trabalhos e fadigas, etc.

Pois "neque qui plantat, neque qui rigat sed qui incrementum dat Deus". (Nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega: mas é Deus, que dá o crescimento) - Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios, cap, 3º, versículo 7º).

Datada da Redução de S. José, no dia de Santo Antônio de Pádua, em 13 de junho de 1732. Mui servo de Vossas Reverendíssimas

Pues neque qui plantat, neque qui rigat sed qui incrementum dat Deus
Fecha En el Pueblo de S. Joseph dia de S. Ant.º de Padua a 13 de Jun.
de 1732.

Muy Siervo de V. R. R. R.
Antonio Sepp.

Fabrica.

Los palos, que se usan para las soleras que llaman sarajas, que se han de cortar siempre en los menguantes de Indio, son los siguientes.

Apitobri. Añui. Anguñ. Yuquipitangí. Querandí es palo amarillo. Y sangí, también amarillo. Para las cubiertas de las Iglesias o casa del Padre el Saxifo. Peroq. Las cubiertas de las casas de los Indios, están también fuertemente yuquipitangí. Para los postes vauñday llamado quiebra machas. ó Saxifo.

Los palos que se usan para los sarajas también se usan para los de pa piritas.

Los Cedros se usan para todas las cosas que han de tener oro, ó plata y para todo genero de tablas, y Canoas. El timboj, para Canoas y tablas, es palo muy grueso.

Texas.

El barro para que se abien amasado como el Bar; han de entrar en el Barneal al menos tres días arco, por la mañana y tarde las vacas ó toros del yucapi, o Bueyes mansos. Con esto salen las Texas fuertes sin que brase en el horno.

Las Texas, son los lados opuesta del Horno algunas veces conforme es el viento norte suelen que mar bien, por tanto se ponen después en la otra hornalla en medio del horno.

Texade

